

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

RENATA SATLLER DO AMARAL

Tristão e Isolda: contradições do amor narcísico

Belo Horizonte
2012

RENATA SATLLER DO AMARAL

Tristão e Isolda: contradições do amor narcísico.

Monografia apresentada à Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Área de concentração: Teoria Psicanalítica.

Orientador: Prof. Carlos Roberto Drawin.

Belo Horizonte
2012

Nome: Renata Satller do Amaral

Título: Tristão e Isolda: contradições do amor narcísico

Monografia apresentada à Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eduardo Dias Gontijo

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Geraldo Majela Martins

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Geraldo Majela Martins, o silêncio que interroga meu texto-desejo.

Carlos Roberto Drawin, seu saber e transmissão.

Eduardo Dias Gontijo e seus olhos emocionados nas aulas de Psicanálise e Religião.

Para Franco, Amor livre.

“É preciso começar a amar, para não adoecer”.

Sigmund Freud (1914/2010)

RESUMO

Amaral, R. S. (2012). *Tristão e Isolda: contradições do amor narcísico*. Monografia de Especialização. Especialização em Teoria Psicanalítica, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

Esta pesquisa tem como principal objetivo interpretar o romance de Tristão e Isolda, a partir da teoria psicanalítica. Suspeita-se que a configuração deste romance esteja atualizada nas relações amorosas contemporâneas. Tais relações são marcadas por enlaces narcísicos, que buscam o amor absoluto, em que não há alteridade. O mito de Tristão e Isolda é marcado pelo adultério, que caracteriza uma forma dos amantes encontrarem no romance, um modo de amar. O amor é vivido por inúmeros encontros, desencontros, renúncias, aventuras, contradições e enigmas. Para traduzir estes enigmas, o texto percorrerá os fundamentos da conceituação freudiana do termo Narcisismo. Nessa perspectiva, será caracterizada a dinâmica da libido do Eu e libido objetual. Inicialmente, esta diferenciação será conforme as manifestações da doença orgânica, hipocondria e na vida amorosa, salientando os modos de amar, conforme o tipo “de apoio” e “narcísico”. Após estas distinções, serão analisadas as formações do ideal a partir do Eu, configurando, assim, as marcas dos ideais amorosos.

Palavras-chave: Psicanálise. Amor. Narcisismo. Libido do Eu. Libido de Objeto.

ABSTRACT

Amaral, R. S. (2012). *Tristan and Isolde: contradictions of narcissistic love*. Monografia de Especialização. Especialização em Teoria Psicanalítica, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

This research aims at understanding the romance of Tristan and Isolde from a psychoanalytical standpoint. It is supposed that this relationship has also been present in contemporary love stories. These relationships are defined by narcissistic engagements, which seek unconditional love without othering. The myth of Tristan and Isolde is marked by adultery, featuring a fashion lovers meet in the novel, a way of loving. Their love is lived in a number of engagements, disengagements, renouncing, adventures, contradictions and puzzles. In order to solve these conundrums, this paper will follow the basic tenets of Freud's concept of Narcissism. In this perspective, it will characterize the dynamics of ego-libido and object-libido. To begin with, this differentiation will be according to organic disease, hypochondria, and, in love life, stressing ways of loving in relation "to support" and "narcissism". After these distinctions are outlined, the paper will analyze ego-ideal formations, setting up, thus, the signs of love ideals.

Key-words: Psychoanalysis. Love. Narcissism. Ego-libido. Object-libido.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 ENIGMA TRISTÃO E ISOLDA	10
3 DO NARCISISMO	17
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea, enlaçada pelo instante e pela inquietude amorosa, possui várias questões acerca da complexidade do amor. Alguns aspectos da contemporaneidade, como: relações individualistas, imediatas, pouco afetivas, aludem o questionamento deste trabalho, no qual se suspeita que a humanidade ame o romance¹, muito mais do que aquele ou aquela que se diz amar.

O amor das literaturas, poesias e canções, nomeiam um modo de amar, em que o drama do romance é o que nutre a pacto do encontro amoroso. A partir disso, surgem alguns questionamentos: estes encontros quando poetizados nas linguagens da humanidade, sinalizam um paradigma, em que a busca pelo ideal amoroso configura-se, genuinamente, por um romance? E este romance é constituído pelo conflito com a alteridade daquele que se diz amar?

A problemática contemporânea amorosa, atualizada na clínica psicanalítica, será apresentada a partir da trama do amor romântico. O início deste trabalho será o convite ao romance de Tristão e Isolda, em História do Amor no Ocidente (Rougemont, 2003), em que será um romance infeliz entre os personagens, garantido por encontros e desencontros, que segundo o autor, move os corações dos românticos ocidentais.

Para compreender os mistérios do pacto amoroso, Freud (1905/1996) em Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade e Freud (1914/2010) em Introdução ao Narcisismo, serão as principais fontes de informação para elucidar o termo libido. As construções metapsicológicas freudianas elevarão as origens do conceito narcisismo e suas semelhanças com as relações amorosas. Em princípio, o movimento da libido será destacado através dos estudos dos parafrênicos e, posteriormente, definido de acordo com a relação da libido do Eu e libido objetal.

Freud (1914/2010) irá apontar a distribuição da libido na doença orgânica, hipocondria e no erotismo sexual dos indivíduos. Neste último, a distribuição libidinal será descrita nas diferentes formas de amar, conforme o tipo “de apoio” e “narcísico”. Serão apresentadas, também, algumas menções acerca do ideal do Eu, para associar os modos de vinculação amorosa que o narcisismo registra. Vale lembrar, que Freud (1914/2010) não distingue

¹ Romance das relações amorosas e literaturas.

minuciosamente as idealizações do Eu. Desta forma, esta discussão não será minuciosamente aprofundada no texto.

Ao evidenciar a metapsicologia psicanalítica para compreendermos o amor contemporâneo, enredado em Tristão e Isolda, o último capítulo deste trabalho irá apresentar as contradições do amor romântico narcísico. Assim, será destacado a continuidade de um estilo amoroso pela escrita, certificando que existem outros estudos acerca deste tema, tendo em vista que a proposta de trabalho apresentada não esgota o objeto de estudo, que é o amor.

Esse trabalho possui quatro capítulos. O primeiro é a Introdução. O segundo é o Enigma Tristão e Isolda. O terceiro é denominado Do Narcisismo. E o último capítulo é direcionado para as considerações finais, acerca do trabalho desenvolvido.

2 ENIGMA TRISTÃO E ISOLDA

O texto como arranjo instrumental, propõe delinear elementos que amarram o inquietante amor romântico, a partir da psicanálise. O amor que se apresenta em prosas, poesias, canções e *fast food*, deve permanecer nas dialéticas e constantes indagações da existência humana. Para incitar o romance que exalta o amor, a seguir será descrito na íntegra o convite à Helena, de Machado de Assis (1973):

A princípio foi esse olhar um simples encontro; mas, dentro de alguns instantes, era alguma cousa [*sic*] mais. Era a primeira revelação, tácita, mas consciente, do sentimento que os ligava. Nenhum deles procurara esse contato de suas almas, mas nenhum fugiu. O que eles disseram um ao outro, com os simples olhos, não se escreve no papel, não se pode repetir ao ouvido; confissão misteriosa e secreta, feita de um a outro coração, que só ao céu cabia ouvir, porque não eram vozes da terra, nem para a terra as diziam eles. As mãos, de impulso próprio, uniram-se como os olhares; nenhuma vergonha, nenhum receio, nenhuma consideração deteve essa fusão de duas criaturas nascidas para formar uma existência única. (p.140)

Em Helena, Machado de Assis (1973) descreve o encontro de dois seres para uma vida única. Para Rougemont (2003), os amantes desejam a fusão das existências, porém existe um conflito entre a divisão, amor e morte. Pensando nisso, o triunfo do romance é garantido pela ilusão romanesca.

Em várias poesias, literaturas, peças teatrais, canções e lendas, a emoção que se manifesta nos leitores, plateias e ouvintes, se apresenta através do amor infeliz, que é regado de história. Rougemont (2003) assegura que o amor alimentado pela morte é o amor ameaçado e amaldiçoado pela própria vida. O sentimentalismo ocidental não fortalece o deleite dos sentidos nem a realização amorosa. Pelo contrário, exalta a paixão amorosa, oposta ao amor realizado. Para o autor, é fundamental que os leitores compreendam que a paixão significa sofrimento.

A admiração pelo romance, fantasia e sexualidade idealizada, é marcada na cultura ocidental, na educação e nas imagens que configuram o cenário de nossa existência. Diante do mecanicismo social, a paixão é glorificada, a ponto de ser considerada por Rougemont (2003), “uma promessa de vida mais viva, uma força que transfigura algo situado além da felicidade e do sofrimento, uma beatitude ardente.” (p. 24)

Segundo Rougemont (2003), “na ‘paixão’, já não sentimos ‘o que sofre’, mas ‘o que é apaixonante’”, (p.24) Logo, a paixão de amor anuncia a infelicidade. Segundo o autor, a

sociedade em que vivemos possui costumes que sofreram poucas transformações, obrigando o amor-paixão a assumir a forma de adultério, na maioria dos casos. Porventura vivemos em tal fantasia, ilusão, que realmente esquecemos essa infelicidade? Ou devemos crer que elegemos o que fere e exalta ao que nitidamente satisfaria nosso imaginário de vida em harmonia?

Ao analisar a contradição, amor versus paixão, Rougemont (2003) certifica a destruição de uma ilusão, pois afirmar que amor-paixão constitui o adultério, significa persistir no fato de que o culto ao amor dissimula e ao mesmo tempo transforma o que não é possível reivindicar, ou seja, deseja-se a paixão e a infelicidade, sem admitir o desejo por tais.

Rougemont (2003) observa que na literatura o adultério é característico dos escritos ocidentais. O sucesso e a satisfação que o adultério desperta, assim como a paixão ardente que alguns desaprovam, indicam os sonhos dos casais dominados a um código de fidelidade, que fez do matrimônio uma obrigação e uma conveniência. Rougemont (2003) ressalta que os diversos romances literários existem em função da crise do matrimônio, alimentam a crise dos cônjuges e transformam o que a religião considera como um crime e a lei, uma violação, em música e poemas.

Constatado o adultério, a culpa seria da instituição do casamento e a nomeada concepção cristã ou seria o oposto, uma compreensão do amor que talvez não seja percebida, tornando-a insuportável desde o primeiro instante. Rougemont (2003) faz esse questionamento, somado à afirmativa de que: “O ocidental ama, no mínimo igualmente, tanto o que destrói como o que assegura a felicidade dos cônjuges.” (p. 27) Para o teórico, se o mistério da crise do casamento é o fascínio pelo proibido, de onde surge esse desejo pela infelicidade?

Rougemont (2003) ilustra seus questionamentos, apresentando o mito europeu do adultério, o romance de Tristão.

Tristão nasce infortúnio. Seu pai acaba de morrer, e sua mãe, Brancaflor, não sobrevive ao seu nascimento. Daí o nome do herói, o matiz sombrio de sua vida e o céu tempestuoso que envolve a lenda. O rei Marcos da Cornualha, irmão de Brancaflor, adota o órfão em sua corte e o educa.

Primeira proeza ou *performance*: a vitória de Tristão sobre Morholt. Esse gigante irlandês, tal como o Minotauro, vem exigir um tributo de moças e rapazes da Cornualha. Tristão obtém permissão para combatê-lo no momento em que poderia ser armado cavaleiro, portanto, logo depois de sua puberdade. Mata-o, mas é ferido por uma espada envenenada. Sem esperança de sobreviver ao mal, parte sem destino num barco sem vela nem remos, levando consigo apenas a espada e a harpa.

Ele chega à costa irlandesa. A rainha da Irlanda, apenas ela, possui o segredo do remédio que pode salvá-lo. Mas o gigante Morholt era irmão da rainha, e

por isso Tristão evita declarar seu nome e a origem do seu mal. Isolda, princesa real, o trata e o cura. É o Prólogo.

Anos mais tarde, o rei Marcos decide desposar a mulher cujos cabelos um pássaro lhe trouxera um fio de ouro. É Tristão quem ele envia à “procura” da desconhecida. Uma tempestade carrega o herói para a Irlanda. Lá, ele combate e mata um dragão que ameaçava a cidade. (É o tema consagrado da virgem salva por um jovem paladino). Ferido pelo monstro, Tristão é novamente tratado por Isolda. Um dia, essa princesa descobre que o ferido é o assassino do seu tio. Empunha a espada de Tristão e ameaça matá-lo em seu banho. Ele revela então a missão que lhe confiara o rei Marcos. E Isolda o perdoa, porque deseja tornar-se rainha. (Segundo alguns autores, também porque admira a beleza do rapaz nesse instante).

Tristão e a princesa navegam rumo às terras de Marcos. Em alto mar, o vento cessa, o calor é sufocante. Eles têm sede. A aia Briolanja lhes dá de beber. Mas, por engano, ela lhes oferece “o vinho ervado” destinado aos esposos, que fora preparado pela mãe de Isolda. Eles o bebem. Ei-los embrenhados nas sendas de um destino “*que jamais se consumará pelo resto de seus dias, pois beberam sua destruição e morte*”. Eles se declararam apaixonados e se entregam ao amor (...).

A falta está, portanto, consumada. *Mas Tristão permanece preso à missão que recebeu do rei*. Por conseguinte, conduz Isolda a Marcos, apesar de sua traição. Briolanja, que astuciosamente substituiu Isolda, passará a primeira noite nupcial com o rei, livrando assim sua senhora da desonra e, ao mesmo tempo, expiando o erro fatal que cometera.

Entretanto, barões “traidores” denunciam ao rei o amor de Tristão e Isolda. Tristão é banido. Mas, graças a um novo ardil (...), ele convence Marcos de sua inocência e retorna à corte.

O anão Frocino, cúmplice dos barões, procura surpreender os amantes e arma uma cilada. Entre o leito de Tristão e o da rainha, ele espalha “farinha de trigo”. Tendo recebido uma nova missão de Marcos, Tristão deseja encontrar-se mais uma vez com sua amiga na noite que precede sua partida. Com um salto, transpõe a distância que separa os dois leitos. Mas, devido ao esforço, uma ferida recente na perna torna a sangrar. Marcos e os barões, alertados pelo anão, irrompem no dormitório. Vêm [*sic*] manchas de sangue sobre a farinha. A prova do adultério é, assim, evidente. Isolda será entregue a um bando de lázaros; e Tristão, condenado à morte. Ele foge (...). Resgata Isolda, e juntos se internam, na floresta de Morrois. Durante três anos ali vivem uma vida “áspera e dura”. Um dia, Marcos os surpreende dormindo. Mas ocorre que Tristão colocara entre o corpo dele e o de Isolda a espada desembainhada. Comovido com o que considera um sinal de castidade, o rei os poupa. Sem os despertar, ele retira a espada de Tristão e deixa em seu lugar a espada real.

Decorridos três anos, o filtro perde o efeito (...). Só então Tristão se arrepende, e Isolda começa a sentir saudade da corte... Vão encontrar o eremita Ogrino, por cujo intermédio Tristão propõe ao rei restituir sua mulher. Marcos promete perdoar. Os amantes se separam à chegada do cortejo real. Isolda ainda suplica Tristão que permaneça no reino até que ele tenha certeza de que Marcos a trata bem. Em seguida, por última astúcia feminina, explorando essa concessão, a rainha declara que, a um primeiro

sinal do cavaleiro, partiria ao seu encontro, sem que nada pudesse detê-la, “nem torre, nem muralha, nem fortaleza”.

Na casa de Orri, o lenhador, eles têm vários encontros clandestinos. Mas os barões traidores velam pela virtude da rainha. Ela pede e obtém o “juízo de Deus” para provar a inocência. Graças a um subterfúgio, vence o desafio: antes de segurar o ferro em brasa que deixa intacta a mão de quem não mentiu, ela jura que jamais esteve nos braços de nenhum homem, exceto os do rei, seu senhor, e os do aldeão que ainda há pouco a ajudara a descer de sua barca. O aldeão é Tristão disfarçado...

Entretanto, novas aventuras conduzem o cavaleiro para bem longe. Ele crê que a rainha deixou de amá-lo. Foi então que acedeu em desposar, além-mar, “*por seu nome e por sua beleza*”, uma outra Isolda “das mãos alvas”. E, com efeito, Tristão a deixará virgem, porque chora Isolda “a loura”.

Enfim, mortalmente ferido e novamente envenenado por esse ferimento, Tristão manda chamar a rainha da Cornualha, a única que ainda pode curá-lo. Ela vem, e sua nau ostenta uma vela branca, sinal de esperança. Isolda das mãos alvas espreitava sua chegada. Atormentada pelo ciúme, vai até o leito de Tristão e anuncia que a vela é negra. Tristão morre. Isolda, a loura, desembarca nesse instante, sobre ao castelo, abraça o coro de seu amante, e morre. (p. 38-43)

Rougemont (2003) considera o mito de Tristão e Isolda como um tipo de relação entre homem e mulher, que vivem em um momento histórico caracterizado pela elite social e a sociedade cortês, invadida pela cavalaria dos séculos XII e XIII. As leis desta época ainda são atuais, apresentando-se de forma oculta e difusa. Poluídas e renunciadas por nossos códigos oficiais, essas leis tornaram-se mais incômodas, pois estão exercendo poder sobre nossos sonhos.

O amor cortês nasce contra os costumes feudais. No século XII o casamento tornou-se uma forma de enriquecimento e de incorporação de terras oferecidas em dote ou prometidas como herança. Além disso, quando o comércio não dava certo, o homem abandonava a mulher. O incesto não era questionado pela Igreja, desde que afirmado com poucos argumentos, um parentesco de até quarto grau. Assim, com esses abusos, o amor cortês contrapôs uma fidelidade livre do casamento legal e fecundada exclusivamente no amor. Logo, amor e casamento não eram compatíveis. Para Rougemont (2003), se Tristão e o autor do Romance compartilham de tal compreensão, a deslealdade e o adultério são perdoados e ainda proclamados como uma afoita à fidelidade à lei do amor cortês.

Em quase todo o momento, o romance não perde a oportunidade de depreciar a instituição social e proclamar o bem daqueles que se amam a borda do casamento e contra ele. Rougemont (2003) ressalta, também, que a fidelidade cortês além de se opor ao casamento,

também se opõe à satisfação do amor, como em fragmentos do tipo, a espada da castidade, o retorno de Isolda ao seu marido após o tempo vivido em Morróis e, até mesmo, o casamento puro de Tristão.

Analisando o direito da paixão, no sentido moderno, consentiria a Tristão viver com Isolda, após terem bebido o filtro. Não obstante, ele a entrega ao rei Marcos, que segundo Rougemont (2003): “porque a regra do amor cortês opõe-se a que uma tal paixão tenda para a realidade, isto é, culmine na posse completa de sua dama.” (p. 49)

Rougemont (2003) destaca o misterioso amor, que se conforma com as leis que o condenam, conservando-o. É questionável a origem desse primado pelo o que impede a paixão e a felicidade dos amantes, os separam e os mortificam. Nenhum dos impedimentos que encontram é objetivamente impossível, mas Tristão e Isolda desistem a cada acontecimento. Eles não perdem a oportunidade de se separar. Faltando impedimentos, eles o criam, como no momento da espada desembainhada e do casamento de Tristão, deleitando-se nessa criação, mesmo ficando tristes. O amor cortês que move no coração dos amantes e os artifícios de onde nasce sua dor, é o próprio romance, como veneram os ocidentais.

O verdadeiro objetivo da lenda seria a separação dos amantes? Rougemont (2003) afirma que sim, mas acontece a favor da paixão e do amor pelo próprio amor que os afligem, para glorificá-lo e transformá-lo em detrimento de sua felicidade e sua própria vida. Nada de afetuoso parece aproximar os amantes, pois em seu primeiro encontro, travam as afinidades de cortesia convencional. E quando Tristão volta à procura de Isolda, essa cortesia transforma-se na maior hostilidade. Confirmando assim, que nunca teriam escolhido um ao outro. Porém, eles beberam o filtro do amor, a paixão. Ao confessarem para o eremita Ogrino, eles comprovaram que não têm responsabilidade pela aventura, pois não se amam. Encontram-se numa contradição: amam, mas não se arrependem do pecado, pois não se responsabilizam, apesar de terem pecado. Confessam, mas não querem a cura, nem mesmo o perdão. Sentem-se como todos os amantes, deslumbrados para além da realidade, transcendem as condições comuns, inconciliáveis com as leis do mundo.

Em seguida, sem a ação do filtro, os amantes são novamente deslumbrados pela paixão, até perderem a vida. O egoísmo desse amor explica tais acasos e malícias cabíveis da sorte que se opõem à felicidade dos amantes. Segundo Rougemont (2003), se todo egoísmo rege a morte, o egoísmo desse amor ao contrário dos outros, deseja a morte como uma concretização suprema e um triunfo.

Rougemont (2003) declara: “Tristão e Isolda não se amam, o que amam é o amor e o fato de amar.” (p. 57) As ações de Tristão e Isolda passam pela compreensão de que tudo o

que se opõe ao amor, o garante e o inaugura em seus corações, exaltando-o ao ilimitado no momento do impedimento total, que é a morte.

Tristão gosta de sentir o amor muito mais do que ama Isolda, enquanto ela nada faz para tê-lo perto de si, pois é apenas um sonho apaixonado. Precisam um do outro para incendiar-se de paixão, mas não um do outro como cada um é. Precisam mais da ausência do que da presença. O afastamento é o resultado de sua própria paixão e do amor que tem por sua paixão. Isso justifica os impedimentos multiplicados pelo romance e a diferença desses cúmplices de um sonho igual, em que cada um deles fica sozinho. Conforme Rougemont (2003): “Daí o crescendo romanesco e a mortal apoteose.” (p. 58)

Rougemont (2003) afirma que o êxito admirável do romance de Tristão e Isolda, desvenda uma primazia pela infelicidade, mesmo que essa infelicidade seja uma deliciosa tristeza. O que os ocidentais buscam, é aquilo que os exaltam ao momento de alcançar, sem querer, a vida recitada pelos poetas. Mas, essa vida é impossível, porque ela está ausente.

A preferência dos ocidentais por narrativas de amores impossíveis é o amor à ardência e a consciência do que arde em si. As narrativas de um amor impossível estão vivas em composições musicais, como aquelas canções que incitam *flashes* de momentos inesquecíveis de um amor distante, impossibilitado por uma escolha, que se resume em assumir sua concretização. Para Rougemont (2003), nós, românticos ocidentais, escolhemos a dor amorosa e os entraves do amor, para, assim, existir o romance. Portanto, amamos o romance, isto é, a intensidade, o adiamento, à distância e as variações.

Para Rougemont (2003), o segredo do mito de Tristão é o amor-paixão ao mesmo tempo compartilhado, combatido, inquieto por uma felicidade renunciada e aclamado por sua catástrofe. Rougemont (2003) corrobora: “O amor recíproco infeliz. O amor feliz não tem história na literatura ocidental e, se não for recíproco, o amor não é considerado um verdadeiro amor.” (p. 71-72)

Tristão e Isolda são de uma lealdade exemplar, um em relação ao outro. Entretanto, Rougemont (2003) certifica que a infelicidade dos amantes é que o amor que os encalça não é o amor pelo outro, tal como é na realidade. Eles amam entre si, mas cada um só ama o outro a partir de si, não do outro. Essa infelicidade apresenta-se e é alimentada por uma falsa reciprocidade, encoberta por um duplo narcisismo, dupla infelicidade da paixão que foge do real e do amor. Isto é, o que se deseja não se tem ainda, a morte. E o que se tinha, se perde, ou seja, o prazer da vida.

Essa perda não é sentida como uma exaustão. Rougemont (2003) afirma: “Acredita-se que se vive bem mais quanto mais perigosamente, quanto mais magnificamente. Porque a

proximidade da morte é o aguilhão da sensualidade.” (p.72-73) Seduzidos pela morte, distante da vida que os impele e afogados em contradições, os amantes só poderão se unir no momento em forem retirados toda a esperança humana, de todo o amor possível.

Apresentada a tradução amorosa de Rougemont (2003) inscrita no mito, revela-se o deleite de Tristão e Isolda: a infindável contradição do romance amoroso, no qual, o narcisismo se registra. A seguir, percorreremos em Freud (1914/2010) a metapsicologia psicanalítica acerca das origens do narcisismo e seus enlaces amorosos.

3 DO NARCISISMO

A inquietude do mito de Tristão que inaugura o romance dos amantes provoca a busca pela compreensão acerca do termo narcisismo, arquitetado por Freud (1914/2010)².

Para estruturar o texto freudiano, é imprescindível recorrer ao Dicionário de Psicanálise (1998). Roudinesco e Plon (1998) apresentam importantes construções. O termo narcisismo foi introduzido pelo psiquiatra e criminologista alemão, Paul Näcke em 1899, para designar uma perversão sexual, isto é, o uso do próprio corpo para alcançar satisfações sexuais. Este termo foi utilizado por Freud pela primeira vez em uma nota acrescentada no texto *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, em 1910, a partir da descrição dos invertidos (homossexuais). Estes eram expostos da seguinte maneira: utilizam a si mesmos como objetos sexuais³ e partir do narcisismo, buscavam homens semelhantes a si mesmos, para amar como sua mãe os amou.

A obra de Freud (1905/1996), *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, é fundamental para descrever as ideias iniciais acerca do termo narcisismo. Este texto é marcado pela recusa freudiana acerca da compreensão sexológica da sexualidade – dominada pelas teorias da época – a favor de uma abordagem psíquica do sexual. O modo freudiano de sexualizar a vida individual e coletiva suscitou acusações, contra Freud, de pansexualismo.

A obra de Freud (1905/1996) possui importantes conceitos que coexistem na metapsicologia psicanalítica, em função de seus estudos a respeito do termo “libido”, definido da seguinte maneira:

Estabelecemos o conceito da libido como uma forma quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual. Diferenciamos essa libido, no tocante a sua origem particular, da energia que se supõe subjacente aos processos anímicos em geral, e assim, lhe conferimos também um caráter qualitativo. Ao separar a energia libidinosa de outras formas de energia psíquica, damos expressão à premissa de que os processos sexuais do organismo diferenciam-se dos processos de nutrição por uma química especial. A análise das perversões e das psiconeuroses levou-nos à compreensão de que essa excitação sexual é fornecida não só pelas chamadas partes sexuais, mas por todos os órgãos do corpo. (p. 205)

² Título original: *Zur Einführung Des Narzissmus*. (Freud, 1914/2010, p. 13)

³ Este termo é citado por Freud (1905/1996) pela primeira vez no primeiro Ensaio dos *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade*: “Introduzamos aqui dois termos: chamemos de **objeto sexual** a pessoa de quem provém à atração sexual, e de **alvo sexual** a ação para a qual a pulsão impele.” (p. 128)

Desta forma, Freud (1905/1996) conclui que existe um *quantum* de libido no psiquismo dos indivíduos, nomeado por Libido do Ego.⁴ A forma de aumento, diminuição, distribuição e deslocamentos, ou seja, manifestação dinâmica da libido, determina o funcionamento do psiquismo humano. Para compreender a dinâmica do psiquismo humano, Freud (1905/1996) construiu a Teoria da Libido, a partir das atividades infantis, definidas por zonas erógenas. Estas são partes do corpo que representam fontes de excitação, como oral, anal, fálico e genital.

A sexualidade infantil passa a ser denominada de Disposição Perverso-polimorfa, pois se configura em modos diversos de vivenciar a excitação, como sucção, masturbação, brincadeiras com o corpo ou com as fezes, a nutrição, defecação, entre outros. São fontes de prazer e de autoerotismo. Acerca da sexualidade infantil, a criança não conhece as proibições e leis que organizam o modo de viver em sociedade. A criança deverá renunciar essas experiências sexuais para tornar-se adulta.

Retornando à definição de libido do Eu, Freud (1905/1996) afirma que esta se torna acessível aos estudos psicanalíticos, depois que ela for psiquicamente destinada para investimentos em objetos sexuais, isto é, quando se transforma em Libido de Objeto⁵. A manifestação dinâmica da libido que busca a satisfação sexual pode fixar em objetos, relacionando-os ou abandonando-os.

Acerca dos destinos da libido, Freud (1905/1996) assinala que ela pode ser retirada dos objetos, ficando suspensa em momentos específicos de tensão, e retorna para o Eu, reconvertendo em libido do Eu. Isso explica a nomenclatura da libido do Eu ou libido narcísica. Logo, compreende-se a relação libido do Eu/narcísica e libido de objeto como um momento original da infância, em que a libido do Eu pode ser definida como um reservatório de onde surgem os investimentos de objeto que retornam para o Eu.

É essencial ressaltar o conceito de pulsão diretamente integrado à construção da Teoria da Libido (Freud, 1905/1996). Por pulsão, define-se um impulso na qual a libido constitui a energia. Inicialmente, se a libido é manifestada na sexualidade infantil, a pulsão é sexual. A partir das diversas zonas erógenas, compreende-se que a pulsão sexual, que é manifestação da libido, divide-se em pulsões parciais, ou seja, disposição perverso-polimorfa.

⁴ Nesse texto, será nomeado por libido do Eu.

⁵ Destaca-se a nota acrescentada nos *Três Ensaios*, acerca do sentido da palavra **objeto** utilizada por Freud (1905/1996) naquela época: “É quase desnecessário explicar que, tanto aqui quanto em outros pontos, ao falar na concentração da libido nos ‘objetos’, sua retirada dos ‘objetos’ etc., o que Freud tem em mente são as representações [Vorstellungen] psíquicas de objetos, e não, é claro, os objetos do mundo externo.” (p. 205)

Apresentados, brevemente, os conceitos que estão entrelaçados à constituição do narcisismo, a partir de Roudinesco e Plon (1998), evidenciam-se os textos de Freud, Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância (1910) e O Caso Schreber (1911), no qual o narcisismo foi analisado como uma fase do desenvolvimento sexual. Freud (1914/2010) conceitua a palavra como um fenômeno da libido, primordial na teoria do desenvolvimento sexual. Após observações anteriores de Freud sobre os delírios de grandeza dos psicóticos, Roudinesco e Plon (1998) evidenciam a seguinte definição de narcisismo feita pelo autor: “O narcisismo como a atitude resultante da transposição, para o eu do sujeito, dos investimentos libidinais antes feitos nos objetos do mundo externo.” (p. 531)

Em Freud (1914/2010), é possível percorrer a construção teórica, em que é salientada a atitude narcisista não como exclusivamente perversa. Os neuróticos apresentam uma natureza de atitude narcisista que limita o trabalho psicanalítico. O narcisismo é um complemento libidinal da pulsão de autoconservação - pulsão do Eu, que é referido a qualquer indivíduo.

Para discutir o narcisismo primário, Freud (1914/2010) incluiu os parafrênicos na Teoria da Libido, apresentando duas características: ausência de seu interesse do mundo exterior e a megalomania. O autor ressalta que o parafrênico parece negar a realidade retirando sua libido de pessoas e coisas do mundo externo e não as substitui por outras na fantasia⁶. No entanto, se a libido vir a ser substituída, apresenta-se como uma tentativa de recuperação, marcada por um movimento secundário, em que a libido retorna para os objetos.

Freud (1914/2010) afirma que a libido retirada dos objetos na parafrenia, é convertida em megalomania. A libido desviada do mundo exterior é direcionada para o Eu, nomeada por narcisismo. Contudo, a megalomania estende e manifesta um estado que já existia na parafrenia. Sendo assim, o narcisismo que surge a partir do recuo dos investimentos objetais é nomeado como secundário, pois está instituído por um narcisismo que é primário. O neurótico também se afasta da realidade, mas não desiste de suas relações eróticas, mantendo-as em suas fantasias. Pode substituir objetos reais por objetos imaginários na sua lembrança ou mesclar ambos. Além disso, pode desistir de suas ações motoras, necessárias para alcançar seus objetivos em relação a estes objetos.

⁶ De acordo com Roudinesco e Plon (1998): “**fantasia**: al. *Phantasie*; esp. *fantasía*; fr. *fantasme*; ing. *fantasy* ou *phantasy*. Termo utilizado por Freud. Primeiro no sentido corrente que a língua alemã lhe confere, fantasia ou imaginação. Depois como um conceito, a partir de 1897. Correlato da elaboração da noção de realidade psíquica e do abandono da teoria da sedução, designa a vida imaginária do sujeito e a maneira como este representa para si mesmo sua história ou a história de suas origens: fala-se então de fantasia originária (...)” (p. 223)

Evidenciando a Teoria da Libido, Freud (1914/2010) discorre sobre a vida mental das crianças e dos povos primitivos. Assim, relacionando a megalomania aos povos primitivos, estes são caracterizados pela Onipotência dos Pensamentos, que se configura por ser uma forma de compreender o mundo, de acordo com sua realidade. Semelhante aos povos primitivos, as crianças em seu narcisismo primário e estrutural, escolhem a si mesmas como objeto de amor, isto é, autoerotismo, antes de se relacionarem com os objetos externos. Este momento inicial do narcisismo é uma forma de autoconservação.

Portanto, Freud (1914/2010) conclui que há um investimento libidinal original do Eu e uma parte é transmitido a objetos, em que permanece relacionando-se aos investimentos objetais. Até este momento da construção teórica, Freud (1914/2010) assinalava que os investimentos objetais poderiam ser transmitidos e retirados novamente, contrários a sua permanência. Neste movimento, há uma oposição entre libido do Eu e libido objetal, denominada de dualismo pulsional. Esse é um período máximo da libido objetal, que se apresenta, por exemplo, em momentos que um indivíduo apaixonado parece desistir de sua pessoa para um investimento objetal. No paranoico, o oposto acontece quando o investimento é direcionado para si mesmo.

Freud (1914/2010) busca diferenciar essas energias psíquicas, afirmando que ambas existem durante o estado narcísico. Quando há um investimento objetal, é possível discriminar a libido, de uma força de pulsões do Eu. Desse modo, o autor afirma que o Eu tem que ser desenvolvido e que as pulsões autoeróticas são essenciais para esta constituição. Ainda segundo o autor, deve existir algo que é acrescentado ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para estabelecer o narcisismo.

Apresentadas as interlocuções acerca da dinâmica da libido, pulsões do Eu e sexuais, Freud (1914/2010) estuda de maneira consistente o narcisismo, descrevendo as manifestações da doença orgânica, hipocondria e vida amorosa. O autor assinala que as manifestações da doença orgânica, enquanto investimentos libidinais direcionados para o Eu, retornam para o mundo exterior quando o indivíduo recupera-se de seu sofrimento orgânico. Semelhante à doença orgânica, o sono caracteriza o momento narcísico em que a libido é transmitida para o Eu.

Da mesma forma que a doença orgânica, a hipocondria se apresenta em sensações de mal estar orgânico. Essa doença caracteriza-se pela retirada da libido e o interesse do Eu dos objetos externos, concentrando-as ao órgão que manifesta dor. Estas sensações, sejam em doenças orgânicas ou hipocondria, também ocorrem nas neuroses. Para compreender as

manifestações das sensações de mal estar orgânico, descritos nas doenças orgânicas e hipocondria, Freud (1914/2010) acrescenta:

Se, tomando uma área do corpo, chamarmos sua atividade de enviar estímulos sexualmente excitantes para a psique de *erogenidade*, e se refletirmos que as considerações da teoria sexual há muito nos habituaram à concepção de que algumas outras áreas do corpo – as *zonas erógenas* – podem agir como substitutas dos genitais e comportar-se de maneira análoga a eles, então só teremos que arriscar um passo mais. Podemos nos decidir a ver na erogenidade uma característica geral de todos os órgãos, o que nos permitiria então falar do seu aumento ou decréscimo numa determinada área do corpo. (p. 27-28)

Conforme Freud (1914/2010), certamente, cada uma das mudanças na erogenidade dos órgãos, é possível ser notada em mudanças equivalentes do investimento libidinal do Eu. Acerca do investimento libidinal em objetos, este só acontece quando o investimento libidinal do Eu excede certa medida. Desta forma, o psiquismo consegue ultrapassar as fronteiras do narcisismo.

Apresentadas as construções teóricas acerca das doenças orgânicas e da hipocondria, Freud (1914/2010) acrescenta a vida amorosa dos indivíduos ao estudo do narcisismo, salientando as diferenças no homem e na mulher. Anterior a tais diferenciações, é essencial a certificação das satisfações sexuais autoeróticas das crianças e adolescentes, com finalidade à autoconservação. Logo, inicialmente, as pulsões sexuais estão conectadas à satisfação das pulsões do Eu. Somente depois é que as pulsões sexuais tornam-se independentes das satisfações das pulsões do Eu. Vale ressaltar, que os primeiros objetos sexuais da criança são aqueles que o amamentam, cuidam e o protegem, concretizados pela mãe ou quem a substitua.

Esta escolha objetal é denominada por Freud (1914/2010) como um tipo “de apoio”. Já o segundo tipo de escolha objetal, nomeado “narcísico”, é aquele que o indivíduo busca a si mesmo como objeto amoroso. Certamente, os dois tipos de escolha objetal estão presentes nas escolhas dos indivíduos, ainda que ele tenha preferência pelo tipo de apoio ou narcísico.

Para Freud (1914/2010), o indivíduo possui dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que cuida dele. Isto significa que há um narcisismo primário em todos, sendo que, em alguns casos, a manifestação pode estar fixada na escolha de objeto.

Ressaltando as diferenças entre as escolhas objetais dos homens e mulheres, Freud (1914/2010) afirma que o amor objetal e absoluto do tipo de apoio são característicos do sexo masculino. A supervalorização sexual do homem, que surge do narcisismo original da infância, corresponde à transferência desse narcisismo para o objeto sexual. Esta

supervalorização é o surgimento do estado de uma pessoa apaixonada, originando o empobrecimento libidinal do Eu a serviço do objeto amoroso.

Quanto ao sexo feminino, o início da puberdade parece intensificar o surgimento do narcisismo primário, desfavorecendo o desenvolvimento de uma regular escolha amorosa objetual, simultânea à supervalorização sexual. A mulher ama a si mesma, com a mesma veemência do amor do homem por ela. Sua necessidade não é tanto amar, mas ser amada. De acordo com Freud (1914/2010), há um encanto destas mulheres exercido sobre os homens, evidenciado no narcisismo de outra pessoa, que atrai aqueles que renunciaram uma parte de seu narcisismo para buscar o amor objetual. Todavia, este encanto possui seus desencantos, ou seja, as dúvidas do homem que ama sobre o amor da mulher e o enigma da mulher sobre as contradições dos tipos de escolha de objeto.

Freud (1914/2010) assegura que tais diferenças de escolha objetual dos homens e mulheres correspondem às funções que podem ser modificadas. Isto significa que uma mulher pode amar conforme o tipo masculino, expondo a supervalorização sexual. O autor ainda caracteriza outro tipo de amor objetual feminino, através do nascimento de uma criança. Ao gerar um bebê, uma parte de seu corpo defronta-se com outro objeto, no qual a partir de seu narcisismo pode oferecer um amor objetual completo. Outras mulheres que não experenciam o nascimento de um filho, desenvolvem seu narcisismo secundário para um amor objetual, segundo vivências anteriores à adolescência, no qual desenvolveram masculinidades. Entretanto, com a maturidade feminina conservaram o desejo por um ideal masculino, que é a continuidade da essência de um menino que um dia existiu.

Em resumo, conforme Freud (1914/2010), os percursos que destinam a escolha de um objeto são: semelhante ao tipo narcísico: o que é, o que foi, o que gostaria de ser e alguém que foi parte de si mesma. Semelhante ao tipo de apoio: a mulher que alimenta, o homem que protege e seus substitutos.

Acrescentando à configuração amorosa, Freud (1914/2010) descreve o narcisismo primário das crianças, relacionando-o à contemplação dos pais por “*His Majesty the Baby*” (p. 37)⁷, como a manifestação nos pais, do próprio narcisismo primário abandonado. Assim, os pais atribuem perfeições ao filho e encobre as falhas destes. Freud (1914/2010) destaca:

As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será o centro e âmago da Criação.

⁷*Sua Majestade o Bebê*. (FREUD, 1914, p. 37)

His Majesty the Baby, como um dia pensamos de nós mesmos. Ela deve concretizar os sonhos não realizados no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe. No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança. (p. 37)

O amor dos pais, comovedor e tão pueril, é o narcisismo renovado e convertido em amor objetal, apresentando claramente a sua natureza primitiva.

Freud (1914/2010) analisa o Complexo de Castração como o momento fundamental para a compreensão do narcisismo original da criança, relacionando-o ao recalque⁸. O complexo de castração se dá para a menina através do desejo de possuir o pênis do menino e para o menino, através da angústia de castração.

As pulsões sexuais tem como destino o recalque, quando se opõem em relação às concepções morais e culturais do indivíduo, tendo em vista que tais percepções que ele se submete, o determinam. Segundo Freud (1914/2010) o recalque: “vem do Eu; podemos precisar: vem do autorrespeito do Eu” (p. 39), ocorrendo a partir da avaliação que o Eu faz de si mesmo⁹. Um indivíduo pode instituir um ideal em si, no qual calcula seu Eu atual, enquanto em outro indivíduo, este ideal pode não existir. Sendo assim, para ocorrer o recalque, é necessário que aconteça essa formação de ideal a partir do Eu.

O ideal do Eu direciona-se para o amor a si mesmo, que o Eu real viveu na infância. O narcisismo surge neste momento, transferido para o novo Eu ideal, que na infância era perfeito. Freud (1914/2010) afirma em relação à libido, que o indivíduo que não renunciou à satisfação da infância, insistirá em viver sua perfeição narcísica: “E se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu.” (p. 40) Por conseguinte, a projeção que o indivíduo faz como seu ideal é para conservar o narcisismo da infância, em que ele era seu próprio ideal.

⁸ De acordo com Roudinesco e Plon (1998): “**recalque:** *al. Verdrängung; esp. represión; fr. refoulement; ing. Repression.* Para Freud o recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente todas as ideias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. O autor, que modificou diversas vezes sua definição e seu campo de ação, considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente (...)” (p. 647)

⁹ Alusão freudiana acerca do Supereu. De acordo com Roudinesco e Plon (1998): “**supereu:** *al. Über-Ich; esp. superyó; fr. surmoi ou sur-moi; ing. super-ego.* Conceito citado por Freud para designar uma das três instâncias da segunda tópica, juntamente com o Eu e o Isso. O Supereu mergulha suas raízes no Isso e, de uma maneira implacável, exerce as funções de juiz e censor em relação ao Eu (...)” (p. 744)

O amor-próprio é a manifestação da elevação do Eu, caracterizado pelo sentimento de onipotência da experiência infantil. Freud (1914/2010) exemplifica que na parafrenia, o amor-próprio é excessivo e na vida amorosa, não ser amado, resulta na diminuição do amor próprio. Logo, enquanto ser amado aumenta o amor. Sem dúvida, ser amado é o fim e a satisfação na escolha narcísica do objeto. O investimento libidinal aos objetos não aumenta o amor-próprio. Já a dependência do objeto amado diminui o amor. Aquele que ama perde uma parte de seu narcisismo e sendo amado, recupera-o.

Freud (1914/2010) apresenta as relações do amor-próprio com os investimentos libidinais aos objetos, para compreender se os investimentos amorosos estão em “sintonia com o Eu” (p. 47) ou se foram recalçados. Se a libido está conectada com o Eu, conclui-se que amar ocorre como qualquer movimento do Eu. Amar em si diminui o amor-próprio. Ser amado, ou seja, ter o objeto amado eleva-o. Se a libido for recalçada, o investimento amoroso diminui o Eu e a satisfação amorosa não acontece. É possível engrandecer o Eu retirando a libido dos objetos. Retornar a libido objetal ao Eu, ou seja, transformar em narcisismo simboliza um amor feliz. No entanto, o verdadeiro amor feliz equivale ao momento originário, em que a libido de objeto e libido do Eu vivem em conjunto. São indistinguíveis em si.

Para concluir, Freud (1914/2010) acrescenta algumas observações acerca da libido, que podem ser discutidas em outros trabalhos. Encontrar-se apaixonado é dirigir o excesso da libido do Eu para o objeto. Exalta o objeto sexual e transforma-o no ideal sexual. Estar apaixonado no tipo de apoio ocorre segundo as conquistas infantis para amar, em que aquilo que satisfaz este modo de amar, é idealizado.

Freud (1914/2010) assegura que este ideal sexual possui relação com o ideal do Eu. Quando a satisfação narcísica encontra seus limites, há uma satisfação substitutiva através do ideal do Eu. Assim, o indivíduo ama conforme sua escolha objetal narcísica, isto é, ama aquilo que foi anteriormente ou aquilo que nunca teve. Para o neurótico, em seus constantes investimentos objetais, o Eu fica empobrecido e incapaz de realizar seu ideal do Eu. Ele retorna à libido ao narcisismo, escolhe um ideal sexual conforme a forma narcísica que possui elevações que ele não atingiria.

Finalmente, apresentada a estrutura metapsicológica freudiana acerca do narcisismo, torna-se imprescindível destacar o texto Luto e Melancolia, Freud (1915/2010) em que acrescentam-se importantes análises sobre o narcisismo e seus enlaces com o luto e a melancolia. A seguir, serão apresentadas as considerações finais, que delimitarão os conceitos principais deste capítulo para fundamentar a leitura do amor narcísico de Tristão e Isolda.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *História do Amor no Ocidente*, Rougemont (2003) afirma a preferência pelo romance infeliz, que marcou o encontro de Tristão e Isolda enlaçados pelo narcisismo. Sobre o narcisismo, Freud (1914/2010) edificou sua teoria do movimento libidinal, a fim de caracterizar a força narcísica que une os casais em seus deslumbres apaixonados. A seguir, os conceitos essenciais do texto de Freud (1914/2010) serão especificados, relacionando-o ao mito de Tristão e Isolda. Para introduzir o texto-desejo, revive-se a origem do narcisismo. Conforme Roudinesco e Plon (1998), a lenda de Narciso, ilustrado por Ovídio no livro III da *Metamorfoses*:

Filho do deus Céfiso, protetor do rio do mesmo nome, e da ninfa Liríope, Narciso era de uma beleza ímpar. Atraiu o desejo de mais uma ninfa, dentre elas Eco, a quem repeliu. Desesperada, esta adoeceu e implorou à deusa Nêmesis que a vingasse. Durante uma caçada, o rapaz fez uma pausa junto a uma fonte de águas claras: fascinado por seu reflexo, supôs estar vendo um outro ser e, paralisado, não mais conseguiu desviar os olhos daquele rosto que era o seu. Apaixonado por si mesmo, Narciso mergulhou os braços na água para abraçar aquela imagem que não parava de se esquivar. Torturado por esse desejo impossível, chorou e acabou por perceber que ele mesmo era o objeto de seu amor. Quis então separar-se de sua própria pessoa e se feriu até sangrar, antes de se despedir do espelho fatal e expirar. Em sinal de luto, suas irmãs, as Náiades e as Díades, cortaram os cabelos. Quando quiseram instalar o corpo de Narciso numa pira, constaram que havia se transformado numa flor. (p. 530)

Narciso, presente nos Românticos, que são enlaçados pelo romance, erguem seus ideais narcísicos, segundo imperativos parentais e sociais. Se aos olhos lermos a ilusão parentesco, formada por aquilo que é (par)ental, conclui-se que o ilusório configura-se pelo par – dois – encenado no primado infantil em busca da união absoluta. Transpondo o primado infantil para a vida adulta, o encontro amoroso revive o ideal narcísico declarado, ou seja, eu e tu somos um, que é o sentimento Tristão e Isolda.

Rougemont (2003) inaugurou em Tristão e Isolda o romance infeliz, caracterizando o adultério cometido pelos amantes, como uma das formas pelas quais os ocidentais identificam na infidelidade o deleite pelo romance. Vivem o romance do adultério, mas não decidem pela união amorosa. Os amantes ao deslumbrarem no adultério a perfeição que falta na união amorosa formal e estável, em função da rotina, manias e nostalgias, tornam-se aventureiros através de encontros secretos e promessas de um dia, o adultério sair das bordas e findar-se na vida real. Deste modo, apresenta-se o enigma de Tristão e Isolda: enquanto é adultério, o

amor sobrevive. Ao decidirem por viverem conforme os moldes sociais, o amor decai e resiste à realidade.

Descrito no mito, o momento em que se apresenta a vida áspera e dura vivida por Tristão e Isolda, percebe-se que após tal relato, o filtro que une os amantes perde o efeito. Este filtro que enfeitiçou Tristão e Isolda garante seus encontros ou os enigmas de uma vida a dois, é o que impossibilita a permanência do encontro amoroso? Enquanto o prazer do romance é vivido por Tristão e Isolda, por meio de constantes encontros e desencontros, quando decidem viver na floresta de Morrois, a realidade se apresenta e ambos renunciam o pacto amoroso, pois já não há romance.

Salientar a renúncia do pacto amoroso procede à renúncia que Tristão e Isolda fazem de suas próprias vidas a serviço do romance. Enamorados pelo romance, em que o narcisismo vive, os amantes abdicam suas existências, investindo objetivamente neste. Isolda afirma para Tristão que nada iria detê-la para viver o romance: “Nem torre, nem muralha, nem fortaleza.” (p.42)

Logo, percebemos que existiram duas renúncias de Tristão e Isolda. Inicialmente, as renúncias do cotidiano de suas próprias vidas para viverem o romance, no caso o adultério. No segundo momento, enquanto viviam o romance, decidiram por renunciá-lo, ou seja, abandonaram o adultério e foram viver na floresta de Morrois. Contudo, surge o intolerável da união amorosa, que é o declínio dos ideais e aquele que se apresenta como é. Se conforme Rougemont (2003) afirma que os ocidentais amam o que destrói como aquilo que assegura a felicidade e se a crise do matrimônio ou união estável é o enlace pelo romance, este está coberto pelos ideais de perfeição, fazendo surgir a insegurança ocidental que é viver sem este ideal e conviver com a ambivalência sentimental, isto é, felicidade e infelicidade coexistem.

O filtro apresenta o amor para os amantes, que conforme Freud (1914/2010) é o amor narcísico. Tristão e Isolda amam o romance e atualizam o narcisismo que os enlaçam. O investimento neste romance relaciona-se com os investimentos que os amantes fazem em si mesmos como objeto de amor. Há investimentos amorosos no romance e em si mesmos. Logo, vale ressaltar, que o momento da libido objetal é uma forma de integrar o romance nos ideais que conservam o Eu.

Quando deparam com suas diferenças alimentadas pela incompletude de cada um, tornam-se iguais na finitude humana e diferentes diante de suas singularidades. Perante o insuportável, no qual os véus decaem, Tristão e Isolda decidem viver a distância que nutre a aventura e o romantismo. Os amantes querem viver os sentimentos que existem em si mesmos, contrário ao sentimento pelo outro.

Se no início do mito, Tristão vive a tentativa de se tornar um herói, ao conhecer Isolda, ele se torna servo das súplicas da amada. O anseio pelo amor infeliz o conduz para o vinho ervado. É importante lembrar que a qualquer súplica da amada, ele retorna para encontrá-la. Escravo de seu objeto amoroso e renunciando o insuportável da falta, ou melhor, da realidade que se apresenta, o horizonte do nome de Tristão é atualizado. Ressalta-se a ferida de Tristão que retorna a sangrar, quando este vai ao leito de sua amiga.

Isolda não ama Tristão e deseja a prova de seu amor por ela. Ama a si mesma, a partir do amor de Tristão. Ao encontrar com o rei Marcos, Isolda defronta-se com seu vazio e com a possibilidade de perder seu objeto de amor que alimenta o amor de si mesma. Ela suplica para Tristão permanecer aos arredores do reino, se por um instante, Marcos não amá-la. Novamente, diante da insegurança do próximo amante, que não garante o amor por Isolda, esta se sente sozinha e vazia.

Destaca-se, então, a permanência de Tristão aos arredores do reino. Insistindo em seu destino paladino, ele acata o pedido de Isolda, pois busca neste amor, proteger Isolda de sua própria insegurança. Desse modo, surge uma questão: Tristão, além de amar narcisicamente Isolda, também destina proteção à amada. Conforme Freud (1914/2010), esta proteção é o segundo tipo de escolha objetal, ou seja, tipo de apoio. Este amor de apoio, vivido na infância e atualizado na vida adulta, caracteriza-se pela mulher que nutriz e pelo homem protetor. Entretanto, Tristão vive seu destino cavalheiro por instantes e logo retorna ao sedutor enamorado. Este segundo tipo amoroso é o narcísico (Freud, 1914/2010).

A fidelidade de ambos apresenta-se através da falta de decisão dos amantes para viverem juntos e pelo ideal de reviverem a completude narcísica. A projeção que Tristão e Isolda fazem de acordo com seus ideais e as constantes renúncias da união amorosa para não viver com suas diferenças é o modo de conservação do narcisismo infantil, em que viviam os próprios ideais.

O objeto de investimento libidinal de Tristão e Isolda é o romance. A partir da observação de suas singularidades, é possível perceber que eles intercalam neste investimento, em momentos pelos quais acreditamos que Tristão está para Isolda, assim como Isolda para Tristão. Exaltam o romance, transformando-o em ideal. Satisfazem o modo de amar, idealizando o romance. Este ideal romântico circula por infindáveis impedimentos, criados pelos amantes. Amam aquilo que já foram, isto é, completos narcisicamente, ou aquilo que ainda não viveram, o romance. Entretanto, esse romance não objetiva uma vida a dois. Tristão e Isolda só amam idealizando o romance. Não desejam a realização amorosa.

Tristão acredita que Isolda deixou de amá-lo. Imerso em sua tristeza, busca outras aventuras, atualizando os ímpetus que o narcisismo convida. O amante revive seu vazio com a Isolda das mãos alvas. Desta vez, envenenado por sua ferida narcísica, grita o abandono, clamando Isolda, a loura. Entretanto, este ferimento profundo, pueril e onipotente não acata a finitude do narcisismo. Os amantes, entregues à ilusão romanesca buscaram a morte. Deslumbrados pelo romance resistiram o amor ambivalente e alimentaram o narcisismo para desprezar a alteridade. Diante da finitude do encontro amoroso, atualizam a finitude da condição humana.

Tristão e Isolda sentem-se para além dos limites da existência, exaltam o romance e aventuras, deparam-se com a supremacia do egoísmo amoroso, resultando na morte. No clássico literário, Romeu e Julieta, diante do amor absoluto, seu final também é trágico e romântico. Se convidarmos Helena, apresentada no início deste trabalho, é possível fazer alusão à poesia que apresenta a morte no romance, de acordo com Machado de Assis (1973):

Um escravo veio chamar Estácio á pressa; ele subiu trôpego as escadas, atravessou as salas, entrou desvairado no quarto, e foi cair de joelhos, quase de bruços, junto ao leito de Helena. Os olhos desta, já volvidos para a eternidade, deitaram um derradeiro olhar para a terra, e foi Estácio que o recebeu, – olhar de amor, de saudade e de promessa. A mão pálida e transparente da moribunda procurou a cabeça do mancebo; ele inclinou-a sobre a beira do leito, escondendo as lágrimas e não se atrevendo a encarar o final instante. Adeus! – suspirou a alma de Helena, rompendo o invólucro gentil. Era defunta. (p. 143)

Diante da morte romanesca nos escritos ocidentais, descobre-se o que toca no coração daqueles que são enlaçados pelo Amor, que são ideais de vida e morte, em que a finitude humana se apresenta como poesia. As poesias, músicas e literaturas alcançam a verdadeira vida ou morte, de modo a romantizar o que por instantes é insuportável. As incertezas e sentimentos impuros, desaprovados socialmente, devem viver nos sonhos daqueles que sonham o amor.

O narcisismo que ampara o encontro de Tristão e Isolda configura-se pelo ideal de completude amorosa. Entretanto, tropeçam em seus sentimentos obscuros contraditórios, não respondem por estes e sofrem o romance da morte, que é o amor tristão.

REFERÊNCIAS¹⁰

ASSIS, J. M. M. (1973). *Helena*. São Paulo: Editora Ática S. A.

FREUD, S. (2010). Introdução ao Narcisismo. In S. Freud, *Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*, (pp. 14-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)

FREUD, S. (1996) Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In S. Freud, *Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre a Sexualidade e outros trabalhos*, (pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

FREUD, S. (2010). Introdução ao Narcisismo. In S. Freud, *Luto e Melancolia*, (pp. 170-208). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)

FREUD, S. (2011). *Luto e Melancolia* (M. Carone, trad.). São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1915)

SHAKESPEARE, W. (2012). *Romeu e Julieta*. (B. Viégas-Faria, trad., D. Menin & L. H. Balbueno, rev. técnica.). Porto Alegre: L&PM, 2012.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

ROUGEMONT, D. (2003). Livro I. O mito de Tristão. In *História do Amor no Ocidente*, (pp.1-75). São Paulo: Ediouro.

¹⁰ De acordo com estilo APA –*American Psychological Association*.